

## DAS RODAS AOS MOSAICOS DE CONVERSA: possibilidades de construção de estratégias de resiliência no ensino superior

Juliane Figueiredo Fonseca <sup>1</sup>  
Raquel Rinco Dutra Pereira <sup>2</sup>  
Leandro Damasceno Kreutzfeld <sup>3</sup>  
Ruthmary Fernanda de Souza Fernandes<sup>4</sup>

### RESUMO

Motivados pelo estudo do adoecimento discente na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o presente artigo tem como objetivo apresentar um caminho, entre os possíveis, para a construção de uma realidade acadêmica em que o adoecimento não seja condição *sine qua non*. A escrita deste texto apresenta a ação desenvolvida no Projeto de Extensão “ACOLHE: Construção de valores inclusivos e promoção de educação em saúde” - os momentos de encontro e partilha entre docentes e discentes do Ensino Superior. Realizados a princípio de forma presencial, nas Rodas de Conversa, e remotamente, no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), nos Mosaicos de Conversa. Esta ação se constitui como espaço-tempo de acolhimento e vivências que se fundamentam em valores que vislumbram relações interpessoais mais humanas e menos excludentes. Metodologicamente, preconizamos relações dialógicas, inspiradas nos Círculos de Cultura de Paulo Freire e na ideia dos Mosaicos de Viktor Frankl. Os relatos dos participantes indicam que a oferta deste espaço-tempo de diálogo tem propiciado a da tomada de consciência sobre si mesmos, sobre seus processos, não só enquanto universitários e universitárias, mas como seres humanos acima de qualquer outra especificação.

**Palavras-chave:** Ensino Superior, Adoecimento Discente, Conscientização, Acolhimento, Resiliência.

### INTRODUÇÃO

Diante do contexto de adoecimento discente no Ensino Superior, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um caminho, entre os possíveis, para a realização do sonho possível (FREIRE, 2019) - a vida acadêmica em que o adoecimento não seja

---

<sup>1</sup> Doutora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, [juliane.fonseca@ufjf.edu.br](mailto:juliane.fonseca@ufjf.edu.br);

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [raquelrincodutra@gmail.com](mailto:raquelrincodutra@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [leandrodk@yahoo.com.br](mailto:leandrodk@yahoo.com.br);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [ruthmaryjf@gmail.com](mailto:ruthmaryjf@gmail.com);

condição *sine qua non*. Para tanto a escrita deste texto foi tecida a partir da ação desenvolvida no Projeto de Extensão “ACOLHE: Construção de valores inclusivos e promoção de educação em saúde”<sup>5</sup> - os momentos de encontro e partilha entre docentes e discentes do Ensino Superior. Tais momentos, inicialmente denominados Rodas de Conversa, e atualmente, Mosaicos de Conversa, em decorrência do contexto pandêmico vivido, têm como objetivo constituir-se em um espaço-tempo de acolhimento e vivências que se fundamentam em valores que vislumbram relações interpessoais mais humanas, menos excludentes, possibilitando tomada de consciência, autoconhecimento, reflexão e desenvolvimento da resiliência.

A recorrência de alguns descritores como ansiedade, depressão, baixa auto estima, problemas de saúde, estresse e saúde mental, identificados pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE) como algumas das causas do baixo rendimento acadêmico entre os discentes da UFJF justificam a criação e oferta de espaços-tempo de caráter acolhedor na instituição.

Nas palavras de Santo Agostinho (apud MORAES, 2018) “Conhece-te, aceita-te, supera-te” – reconhecemos o movimento constante e cíclico no processo de vir a ser a pessoa humana única e irrepitível que apenas cada um é capaz de se tornar. “Torna-te aquilo que tu és” (PÍNDARO apud BRAZIL, 2012, p.31). Um movimento em busca da compreensão de si mesmo, por meio da autoeducação e do autoconhecimento, para transformação de si e do mundo. Ledo engano imaginar um processo solitário – o ser consigo mesmo. Devir algum pode se dar sem o “encontro ou uma relação com algo que se experimenta” (LARROSA, 2002, p.25), enfim, sem a experiência propulsora de interações entre as pessoas e as coisas.

Para Larrosa (2011), a experiência apesar de ser “um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim [...]” (LARROSA, 2011, p.5), é algo que me passa, assim “eu” sou o lugar da experiência. O acontecimento que vem a mim, produz efeitos e afetos em mim. Daí o caráter subjetivo, único e particular da experiência que forma e transforma a pessoa humana.

---

<sup>5</sup> Este projeto faz parte dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo Acolhe: estudo e pesquisa em educação, desenvolvimento e integralidade humana, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED-UFJF). O Grupo surge, em 2018, como uma possibilidade de acolhimento aos indícios de adoecimento mental entre os discentes da UFJF, apontados pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE).

Poderíamos dizer, portanto, que a experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc (LARROSA, 2011, p.7).

Dessa forma, a pessoa humana é um ser em processo, transitório, inacabado. No entanto, como afirma Freire (2019) não basta a pura percepção da inconclusão humana, é preciso juntar a ela a luta política pela transformação de si e do mundo, pela humanização solidária de todos, o que perpassa fundamentalmente pela conscientização.

Como conhecimento interno, a conscientização possui dois focos de ação: um em relação a si próprio e outro em relação aos outros, considerando todos em seu meio de vida (meio geográfico). A primeira dimensão compreende o sujeito histórico, o “eu no mundo”, capaz de trazer a realidade percebida para dentro de si e refleti-la. Por estar voltada para si, nesta dimensão, a conscientização é autoconhecimento. Porém, ele também ocorre na esfera dos outros, do “eu em relação”, entendendo-os como semelhantes em sentimentos, necessidades, direitos e deveres na sociedade: é o reconhecimento. Completando o ato de conhecer e reconhecer, a conscientização encontra seu ápice na ação transformadora da realidade (PITANO, 2017, p. 93).

Assim, lutar pela transformação do mundo implica mudar as condições de nossa existência, em especial aquelas que nos desafiam e inquietam. Demanda, ao vivenciar dada experiência, voltar-se para si, questionar-se e refletir - tomada de consciência e autoconhecimento. A consciência de algo se dá, quando esse passa a ser um percebido destacado (FREIRE, 2018) em nossa existência. Ao percebê-lo podemos conhecê-lo - conduzir esse algo para dentro de nós e a partir da reflexão (re)significá-lo - ou seja, torná-lo um inédito viável (FREIRE, 2014). A transformação de si e do mundo vem a ser quando da coerência, do alinhamento entre o sentir, o pensar e o agir. O agir para fora de mim, o agir no mundo.

Para Freire (1980), a conscientização implica que homens e mulheres se assumam como seres que fazem e refazem as condições de sua existência. Implica, assim, um senso de responsabilidade perante a percepção e escolhas na vida.

Do início ao fim da travessia de nossa existência, vivenciamos diversas experiências que deixam marcas e produzem devires. Algumas se configuram verdadeiros ritos de iniciação que nos atravessam, nos tocam e nos transformam de forma significativa. Uma delas, pertinente ao contexto deste trabalho, é o ingresso à vida universitária, bem como sua manutenção. Em especial ao processo de afiliação, no qual alguém adquire um estatuto social novo, no caso o de estudante universitário, de acordo com Coulon (2017), aqueles que não conseguem se filiar fracassam. Fracassam os estudantes que não adquirem fluência “na utilização dos numerosos códigos, institucionais e intelectuais, que são indispensáveis a seu ofício de estudante” (COULON, 2017 p. 1245).

O mesmo autor ao descrever os passos desse processo – o tempo da estranheza, o tempo da aprendizagem e o tempo da afiliação - evidencia os desafios, as angústias e os temores vivenciados nessa iniciação. Razões essas que, se não levam ao fracasso, podem, para muitos, ser a causa do adoecimento discente. Pertencer e permanecer na vida universitária, para muitos também se apresenta como um desafio. É o que apontam as pesquisas de Paz (2016), Rocha (2015), Campos (2018), Maia (2018), Barreto (2015), Vicente (2015), Rigo (2016), Sampaio, Stobäus e Baez (2017), dentre outras. Segundo esses autores, vários fatores contribuem e se entrelaçam para a evasão e o adoecimento dos estudantes dos cursos de ensino superior, como dificuldades financeiras e familiares; desmotivação em relação ao curso; dificuldades durante o estágio obrigatório; desafio em conciliar atividades profissionais com a vida acadêmica; insatisfação com o desempenho acadêmico; falta de identificação com o curso e, até mesmo, disputa de poder.

Atualmente as adversidades inerentes à experiência coletiva da pandemia da COVID-19, que têm, de certa forma, desestruturado nossa forma de viver e conviver em sociedade, também têm atuado como fatores geradores ou agravantes do adoecimento discente. Em relação ao ERE, Gusso *et al* (2020, p.5) apontam que a celeridade em implementar tal sistema comprometeu determinados aspectos do ensino trazendo assim prejuízos, os quais já podem ser destacados como “a) baixo desempenho acadêmico dos estudantes; b) aumento do fracasso escolar; c) aumento da probabilidade de evasão do Ensino Superior”.

No contexto dos desafios da vida universitária, faz-se necessário, entre os discentes, o desenvolvimento da resiliência - a capacidade humana de enfrentar, superar os desafios e sair deles transformado e fortalecido (GROTBERG, 2005). Encontramos

em Frankl (2008) também, o entendimento de resiliência como sendo a faculdade do ser humano de transformar a sua perspectiva em relação aos desafios enfrentados na vida, entendendo que sempre pode haver algo positivo, tirando o melhor de cada adversidade. Esta mudança de panorama, portanto, relacionada a forma de enfrentar adversidades que a vida oferece, pode tornar-se fator protetivo.

Rumo ao sonho possível (FREIRE, 2014) - a vida acadêmica em que o adoecimento não seja condição *sine qua non* - apresentamos a seguir a ação de encontro e partilha desenvolvida no Projeto de Extensão “ACOLHE: Construção de valores inclusivos e promoção de educação em saúde”.

## **METODOLOGIA**

Compartilhando com Freire (1980) o reconhecimento de que a dialogicidade é um caminho de transformação de si e do mundo, encontramos no encontro, na partilha, no diálogo a possibilidade de atingir o objetivo principal do citado projeto extensionista.

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é um favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados [...]” (FREIRE, 2012, p. 162 e 163)

Inicialmente, inspirados no Círculo de Cultura (FREIRE, 2018), adotamos metodologicamente as rodas de conversa como nosso espaço-tempo de acolhimento e vivências. O Círculo de Cultura, desenvolvido na década de 1960, com os participantes sentados em roda e com olhares entrecruzados, preza o diálogo como principal forma de aprendizagem. Portanto, é uma metodologia que foge à sala de aula e objetiva que o coletivo que ali se encontra, se perceba como igual e com as mesmas potencialidades de aprendizado.

Para que o diálogo seja estabelecido, são necessários os temas geradores específicos dos grupos com os quais se deseja dialogar e refletir a respeito. Aqui é de suma importância conhecer o que o público alvo considera significativo no contexto em que se insere. No nosso caso, para identificar os temas de interesse dos discentes da UFJF,

os Diretórios e Centros Acadêmicos (DA's e CA's) dos cursos atuam como nossos parceiros e mediadores.

De março a setembro de 2020, o calendário acadêmico da UFJF foi suspenso em decorrência da pandemia do novo coronavírus, da mesma forma, foi interrompida a ação extensionista. Quando do retorno, na modalidade ERE, as Rodas de Conversa foram readequadas ao contexto pandêmico. Surgem, então, os Mosaicos de Conversa, possibilitando a continuação da ação do projeto extensionista.

Metodologicamente, a ideia dos Mosaicos está pautada em Viktor Frankl,

Num mosaico, cada um dos fragmentos, cada pedra, é, na forma e na cor, algo incompleto e ao mesmo tempo imperfeito; só no todo e para o todo significa cada uma alguma coisa. Se cada pedra - a modo de miniatura, digamos - contivesse já o todo, então poderia ser substituída por qualquer outra: tal como acontece com um cristal, que de algum modo pode ser perfeito na sua forma, mas precisamente por isso é substituível por qualquer outro exemplar da mesma forma; afinal de contas, todos os octaedros são iguais (FRANKL, 2019, p.151).

Nos encontros, agora realizados virtualmente, a configuração das múltiplas telas de vídeo se interconectam em perspectiva de comunidade, na qual indivíduos plurais, que se apresentam como únicos e irrepetíveis, se encontram em uma reunião de múltiplos-unos que formam a figura do mosaico, uma obra coletiva cujas peças só fazem sentido juntas e que se colocam em comunhão para formar essa obra de arte.

## **Resultados e discussão**

As Rodas ou os Mosaicos de Conversa, a partir da partilha e comunhão de experiências pessoais, pretendem se configurar como possibilidades de um espaço-tempo de conhecimento de si e reconhecimento do outro, enfim de conscientização acerca dos desafios da vida acadêmica.

Com início em 2019, presencialmente as Rodas de Conversa ocorriam, aproximadamente de forma quinzenal, nos espaços físicos da UFJF e destinavam-se aos discentes desta instituição. Em 2020, na modalidade ERE, os Mosaicos passam a ocorrer semanalmente, em dia e horário fixos, na plataforma Google Meet e tem seu público alvo expandido para discentes do ensino médio, universitários de qualquer instituição e

docentes da rede básica de ensino. Apesar das limitações impostas pelos meios virtuais de comunicação - a impossibilidade da aproximação e troca física com o outro -, estes mesmos possibilitaram a continuidade do nosso compromisso social com a comunidade acadêmica. Reconhecemos também outros ganhos. A necessidade de readequação ao contexto pandêmico, nos inseriu nas redes sociais (Instagram e Youtube), o que possibilitou extrapolarmos as fronteiras físicas da instituição e assim alcançarmos na divulgação dos encontros um número maior de pessoas, bem como de perfis diversos.

No encontro com o outro, por cerca de 60 minutos, o diálogo é sempre desencadeado por algum disparador - dinâmica, vídeo, música, texto, ...- que traz à tona o tema gerador da conversa. Cada participante se insere no diálogo a partir daquilo que o tocou, que o afetou. Por vezes, as partilhas, fruto de experiências pessoais e inquietações interiores, geram turbilhões de ideias e de falas, por outras, o silêncio. No processo de conscientização, interpretamos o momento de silêncio como aquele do “eu no mundo”, momento de imersão em si mesmo, de busca do autoconhecimento e da auto reflexão. Assim, os silêncios não são por acaso, eles são significativos. Enquanto, os turbilhões de ideias e falas seriam o momento do “eu em relação”. O ouvir e o compartilhar permitem que as pessoas se reconheçam como semelhantes em sentimentos, necessidades, desafios, direitos e deveres na sociedade. Bem como se sintam pertencentes, importantes e acolhidas. Os encontros não almejam a discussão exaustiva da temática proposta, por isso, assim que alcançamos o tempo de 60 minutos, o diálogo é finalizado e, deixamos, que as reflexões realizadas reverberem no íntimo de cada participante.

Na busca por criar possibilidades para a construção de uma comunidade acadêmica mais resiliente e humanista, aos temas geradores das Rodas de Conversa se agregaram valores inclusivos e humanos. Sendo as temáticas das Rodas: Esperança como prática de resistência; Solidariedade como prática de proteção; Respeito como prática de humanização; Cooperação como prática de resiliência; Amizade como prática educativa e como prática de aprendizagem e Decisão como prática de desenvolvimento.

Nos Mosaicos de Conversa, a retomada das atividades acadêmicas na modalidade ERE trouxe consigo diversos desafios, que nortearam a definição dos temas geradores: Expectativas... Como tenho lidado com elas?; ERE (Ensino Remoto Emergencial), reuniões e *lives*... Como tenho respondido a tudo isso?; Responsabilidades Acadêmicas no Ensino Remoto Emergencial... Qual "carga" tenho assumido?; Solidão... O que tenho a lhe dizer?; Você se vê? Eu te vejo!.

Para além dos desafios relacionados com o ERE, outros temas geradores conduziram a reflexões acerca de questões existenciais. As temáticas trabalhadas foram: Quem é seu inquilino neste momento?; Qual é o seu combustível?; Entre sonhos e cicatrizes, como está o seu caminhar?; Nas tramas da vida, o que te liberta?; Existência, onde reside sua beleza?; Sinto que estou...; Qual a cor da sua saudade?; Amizade, ‘pra q te quero’?; Rir é um ato de resistência.

Os resultados da ação são registrados por meio das narrativas dos participantes do projeto extensionista - orientadoras e bolsistas. A cada encontro uma narrativa acerca das impressões e do registro de algumas falas é desenvolvida e se configura em dados qualitativos da pesquisa. Como exemplo no Mosaico de Conversa, *Expectativas... Como tenho lidado com elas?* A narrativa de uma das participantes destaca, “compreendemos que há uma necessidade de aprender lidar com o inesperado da vida, como a pandemia advinda do Coronavírus, que dificulta nossos sonhos e impactou nossas expectativas. É necessário então, abrimos mão do controle das coisas, deixar fluir, visto que não temos controle de algo além de nós mesmos, e menos ainda sobre o tempo que passa.” Em outro Mosaico, *Qual é o seu combustível?* Uma das narrativas relata que “muitas respostas foram surgindo, como a fé em Deus, em si mesmo, no outro, em algo maior, na família! E chegamos à conclusão que não há um combustível apenas. Diariamente há desvios novos, inéditos, portanto o combustível deve mudar para fazer sentido. E a paixão por estar sendo, por estar agindo deve ser constante.” Estes relatos indicam que a oferta deste espaço-tempo de diálogo para a comunidade acadêmica tem propiciado a seus participantes a possibilidade da tomada de consciência sobre si mesmos, sobre seus processos, não só enquanto universitários e universitárias, mas como seres humanos acima de qualquer outra especificação. Temos tido assim, um caminhar não solitário, mas em solitude e solidário na construção de estratégias de resiliência diante das adversidades da vida universitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transformar o adoecimento discente em um percebido destacado entre os estudantes universitários, para que, perante a conscientização, a possibilidade de construção de estratégias de proteção e resiliência se torne um inédito viável e assim, a

construção de um sonho possível: a vida acadêmica em que o adoecimento não seja condição *sine qua non*, tem sido o propósito do projeto extensionista aqui mencionado.

Nos momentos de encontro com o outro - sejam nas Rodas ou nos Mosaicos de Conversa - o diálogo entre os participantes têm favorecido a troca, a partilha, a reflexão, a auto reflexão acerca de como cada um percebe e faz suas escolhas de enfrentamento dos desafios existenciais. Por isso acreditamos que as atitudes e os projetos feitos de forma dialógica, permitem o reconhecimento do valor de si e do outro, do respeito a si e ao próximo em suas individualidades, bem como se configuram num caminho de humanização solidária de todos.

## AGRADECIMENTOS

A todos e todas que por meio da partilha generosa em nossos encontros têm contribuído para a construção do nosso sonho possível!

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Kelly Coelho Costa. **As cotas nos cursos de licenciatura presenciais da Universidade Federal de Goiás: a questão do reconhecimento.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em:

[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19300/1/2015\\_KellyCoelhoCostaBarreto.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19300/1/2015_KellyCoelhoCostaBarreto.pdf). Acesso em: 02 mai. 2019.

BRAZIL, Luciano Gomes. Do “conhece-te a ti mesmo” ao “torna-te o que tu és”: Nietzsche contra Sócrates em Ecce Homo. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26904/14688>. Acesso em: 21/07/2021.

CAMPOS, Liliane Carla. **Políticas de permanência estudantil em cursos de licenciaturas no período de 2007 a 2017: a experiência da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21109/1/PolíticasPermanenciaEstudantil.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2019.

COULON, Alain. O ofício de estudante. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 44, p. 1239-1250, out./dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v43n4/1517-9702-ep-43-4-1239.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial.** São Paulo: Quadrante, 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 65<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GROTBERG, Edith Henderson. **Introdução: Novas tendências em resiliência**. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. e colaboradores. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-22.

GUSSO, Helder Lima et al. Ensino Superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação e Sociedade**, v. 41, Campinas, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302020000100802](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302020000100802). Acesso em: 19 jul. 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>> . Acesso em: 23 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul. 2011. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

MAIA, Greice Lopes. **Indicadores de evasão e baixa procura nos Cursos de Licenciatura do IFFAR – Campus São Vicente do Sul: Rearticulações na Gestão**. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15952/DIS\\_PPGPPGE\\_2018\\_FONSECA\\_GREICE.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15952/DIS_PPGPPGE_2018_FONSECA_GREICE.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 mai. 2019.

MORAES, Marcelo. **Homem, conhece-te, aceita-te, supera-te**. São Paulo: Editora Canção Nova, 2018.

PAZ, Claudia Terra do Nascimento. **As trajetórias estudantis em licenciaturas com baixas taxas de diplomação: tendências e resistências**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/152649/001012807.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 mai. 2019.

PITANO, S. de C. A educação problematizadora de Paulo Freire, uma pedagogia do sujeito social. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 1, p. 87-104, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v42i1.43774>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

RIGO, Júlia da Silva. **Percursos de formação de estudantes de licenciatura noturna na UFV: ENEM, SISU e evasão.** 2016. 130 f. Mestrado em Educação – Instituição de Ensino: Universidade Federal de Viçosa, Viçosa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/24269/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 nov. 2019.

ROCHA, Cleonice Silveira. **Por que eles abandonam? Evasão de bolsistas do PROUNI dos Cursos de Licenciaturas.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4852>. Acesso em: 27 abr. 2019.

SAMPAIO, Adelar Aparecido; STOBÄUS, Claus Dieter; BAEZ, Marcio Alessandro Cossio. Vivências de mal-estar na transição da licenciatura à docência. **Movimento** Revista de Educação Física da UFRGS, vol. 23, n. 3, jul./set 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115352985014.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

VICENTE, Raniery Guilherme José. **Trajetórias Educacionais bem-sucedidas: o reverso da evasão.** 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21007/1/2015\\_RanieryGuilhermeJos%20Vice.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21007/1/2015_RanieryGuilhermeJos%20Vice.pdf). Acesso em: 27 abr. 2019.